

## «Este é o livro das gerações»: linhagens bíblicas e romance arturiano<sup>1</sup>

Rafaela Câmara Simões da Silva  
U. Portucalense / IF-SMELPS –U. Porto 

<https://dx.doi.org/10.5209/rfrm.101123>

**Resumo:** O «Lancelot-Graal», vasto ciclo arturiano em prosa, manifesta no seu conjunto uma estrutura coerente e uma intenção harmoniosa nos temas e sentidos que desenvolve, seguindo de perto o padrão da Bíblia Sagrada. A sua construção revela um cuidadoso paralelismo entre a matéria arturiana e a escatologia cristã, assemelhando-se a uma verdadeira «versão cavaleiresca da História do mundo», tal como observado por José Carlos Miranda. Sob essa perspetiva, as personagens e a narrativa arturiana inserem-se num tempo que se estende desde a Criação até ao Juízo Final. A *Estoire del Saint Graal* desempenharia, assim, o papel do Génesis no ciclo, dando conta das origens do Graal e da cavalaria. Este artigo propõe a análise do elemento genealógico na narrativa arturiana, inspirado na tradição bíblica, nomeadamente no livro de Génesis, a fim de explorar e compreender o seu impacto na construção da estrutura e do sentido da *Estoire del Saint Graal* e, por conseguinte, de toda a organização cílica.

**Palavras-chave:** romance arturiano, Lancelot-Graal, *Estoire del Saint Graal*, receção bíblica, genealogias, Génesis.

### **FR** «Voici le livre des générations» : lignages bibliques et roman arthurien

**Résumé :** Le *Lancelot-Graal*, vaste cycle arthurien en prose, présente une structure cohérente et une intention harmonieuse dans les thèmes et les significations qu'il développe, suivant de près le modèle de la Bible Sacrée. Sa composition met en évidence un parallélisme minutieux entre la matière arthuriennes et l'eschatologie chrétienne, ressemblant ainsi à une véritable « version chevaleresque de l'Histoire du monde », comme l'a observé José Carlos Miranda. Dans cette perspective, les personnages et le récit arthuriens s'inscrivent dans un cadre temporel s'étendant de la Création au Jugement dernier. *L'Estoire del Saint Graal* jouerait ainsi le rôle de la Genèse dans le cycle, racontant les origines du Graal et de la chevalerie. Cet article propose l'analyse de l'élément généalogique dans la narrative arthuriennes, inspirée de la tradition biblique, notamment du livre de la Genèse, afin d'explorer et de comprendre quel est son impact sur la construction de la structure et du sens de l'*Estoire del Saint Graal* et, par conséquent, de toute l'organisation cyclique.

**Mots-clés :** roman arthurien, Lancelot-Graal, *Estoire del Saint Graal*, réception biblique, généalogies, Genèse.

### **ESP** «Este es el libro de las generaciones»: linajes bíblicos y romance artúrico

**Resumen:** El «Lancelot-Graal», vasto ciclo artúrico en prosa, manifiesta en su conjunto una estructura coherente y una intención armoniosa en los temas y sentidos que desarrolla, siguiendo de cerca el patrón de la Biblia Sagrada. Su construcción revela un cuidadoso paralelismo entre la materia artúrica y la escatología

<sup>1</sup> Este artigo retoma com algumas alterações e acrescentos um capítulo da tese de doutoramento apresentada, em 2019, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto: *A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal*.

cristiana, asemejándose a una verdadera «versión caballeresca de la Historia del mundo», tal como observó José Carlos Miranda. Desde esta perspectiva, los personajes y la narrativa artúrica se insertan en un tiempo que se extiende desde la Creación hasta el Juicio Final. La *Estoire del Saint Graal* desempeñaría, así, el papel del Génesis en el ciclo, dando cuenta de los orígenes del Grial y de la caballería. Este artículo propone el análisis del elemento genealógico en la narrativa artúrica, inspirado en la tradición bíblica, particularmente en el libro de Génesis, con el fin de explorar y comprender cuál es su impacto en la construcción de la estructura y el sentido de la *Estoire del Saint Graal*, y, por lo tanto, de toda la organización cíclica.

**Palabras clave:** romance artúrico, Lancelot-Graal, *Estoire del Saint Graal*, recepción bíblica, genealogías, Génesis.

O ciclo arturiano em prosa do «Lancelot-Graal»<sup>2</sup>, extenso e complexo conjunto de romances que tem no *Lancelot en Prose* a sua origem e núcleo, foi escrito por diversos redatores com traços de escrita e de pensamento diferentes, revelando, todavia, uma coerência e intencionalidade harmoniosa na sua estrutura, assim como nos temas e nos sentidos que desenvolve.

Oferecido a um público laico, e maioritariamente cortês, como uma autêntica «versão cavaleiresca da História do mundo», expressão de Miranda (2015: II, 118-126), o ciclo do «Lancelot-Graal» foi habilmente construído através de um processo de homologia entre a matéria arturiana e a escatologia cristã, e decalcado na própria estrutura do Livro Sagrado<sup>3</sup>. Nesta ótica, as personagens e o enredo arturiano situar-se-iam num tempo balizado entre a Criação e o Juízo Final. A *Estoire del Saint Graal* corresponderia ao Génesis, dando a conhecer os inícios da história da cavalaria cristã. A analogia estrutural entre a *Estoire* e as Escrituras Sagradas estende-se ainda aos restantes livros do Pentateuco, tendo em conta que este romance reproduz a conquista de uma «terra prometida», a Grã-Bretanha, mas também uma «aliança» materializada num símbolo-objeto – o Graal. O *Lancelot en Prose* representaria ainda parte do Antigo Testamento, notando-se neste romance central do ciclo algumas evocações dos Livros Históricos<sup>4</sup>. Evidenciado o lento declínio de Lancelot, sucedem-se os anúncios messiânicos da vinda do Bom Cavaleiro que virá a suplantá-lo, espelhando o romance um sentido semelhante aos dos Livros Proféticos<sup>5</sup>. Na *Queste del Saint Graal*, concretizam-se as profecias a respeito de Galaad, um homólogo de Cristo na ação redentora operada na esfera cavaleiresca<sup>6</sup>, inaugurando-se com ele o Novo Testamento da «História cavaleiresca». Ao longo da grande aventura do Graal decorre o Juízo Final da cavalaria, acedendo a Corbenic apenas os eleitos que beneficiarão da presença de Cristo na contemplação do Vaso Sagrado. Por fim, as lutas fratricidas desencadeadas pela traição de Lancelot e Guenièvre, e por outro lado, pela traição de Mordret, resultam num verdadeiro «Apocalipse»<sup>7</sup> consumado na *Mort Artu*, provocando a queda da Távola Redonda e a destruição do reino arturiano.

No âmbito deste conjunto textual, a *Estoire del Saint Graal*<sup>8</sup> ocupa o primeiro lugar no plano da diegese, constituindo uma «peça necessária na arquitetura cíclica inicial», segundo as palavras de Miranda (1998b: 12). Este romance contém o relato detalhado das origens do Graal, bem como dos antecedentes do mundo arturiano que remontam aos tempos bíblicos e, em particular, aos primórdios da propagação do cristianismo na Grã-Bretanha. A *Estoire* narra o percurso de José de Arimateia rumo ao Ocidente, juntamente com o seu filho Josefes e seus companheiros, os primeiros guardiões do Santo Graal, a quem é igualmente confiada a missão evangelizadora. Neste romance inaugural do ciclo entram também em cena dois heróis convertidos, Mordain, o primeiro rei cristão, e Nascien, o fundador da linhagem de cavaleiros, de onde sobrevirá o Messias da cavalaria – Galaad. Tratar-se-ia de um autêntico «romance das origens» que como sublinha Ana Sofia Laranjinha

<sup>2</sup> O ciclo do «Lancelot-Graal», também conhecido como «ciclo da Vulgata», é um conjunto de romances de origem francesa, redigidos em prosa, na primeira metade do séc. XIII, que conta a história das origens do santo Graal e do mundo arturiano até à conclusão das aventuras do objeto sagrado, e posterior queda do reino de Artur. Sobre este ciclo romanesco, a sua origem, arquitetura e redação, consultar os estudos incontornáveis de Lot (1918), Frappier (1959: 295-318), Kennedy (1986), Micha (1987), Miranda (1998a).

<sup>3</sup> Sobre a homologia entre a Bíblia e o romance arturiano em prosa, do ponto de vista de uma projeção semelhante à distribuição entre Antigo Testamento e Novo Testamento, veja-se Micha (1987: 308), Matarasso (1979), Strubel (1989: 276-281), Miranda (1998b: 62); Séguy (2001: 401-418; 2010: 57-78), Valette (2008: 652-681). Moran (2017: 359-370) veio recentemente propor uma nova reflexão em torno deste assunto.

<sup>4</sup> Na Bíblia, os Livros Históricos, situados no Antigo Testamento, correspondem aos livros de Josué, Juízes, Rute, I e II de Samuel, I e II de Reis, I e II de Crónicas, Esdras, Neemias e Ester. Contam a formação do povo de Israel, não mais enquanto povo nómade, mas como povo com território próprio. Estes livros descrevem as diferentes fases da conquista da Terra Prometida, a instituição da monarquia unida e dividida, a derrota do reino do Norte (Israel) pelos assírios e a derrota do reino do Sul (Judá) pelos babilónios. Por fim, narram o regresso do povo, após o cativeiro, a reconstrução do templo e da cidade de Jerusalém.

<sup>5</sup> Os Livros Proféticos na Bíblia, Oséias, Joel, Amós Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (Profetas menores), bem como Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel (Profetas maiores), consistem numa coletânea de oráculos proféticos transmitidos por diferentes homens que viveram entre o séc. XVIII-IV a.C.

<sup>6</sup> Esta é a única abordagem possível à figura de Galaad na leitura da *Queste del Saint Graal*, contrariamente ao que sustenta boa parte da crítica arturiana, tal como pudemos apurar em Silva (2019: 325-376).

<sup>7</sup> A *Mort Artu* não pode ser considerada um «Apocalipse» na aceção etimológica do termo, pois não comporta uma «revelação» com uma dimensão escatológica, tal como explanada pelo apóstolo João, nem tão-pouco comunica a mesma perspetiva renovadora que encontramos nesse livro. Existe, no entanto, uma progressão narrativa entre a *Queste del Saint Graal* e a *Mort Artu*, cumprindo a primeira o papel de um juízo final no seio da cavalaria, enquanto a segunda concretiza e continua o desfecho trágico anunciado. Embora não se trate na *Mort Artu* de um «Apocalipse» literal, este romance funciona como um desfecho trágico do ciclo, materializado na ruína do mundo arturiano. As questões levantadas por Patrick Moran (2017) merecem uma reflexão aprofundada sobre o assunto que não iremos desenvolver neste artigo, mas num futuro trabalho.

<sup>8</sup> A edição em que nos baseamos é a de Ponceau (1997). Uma edição da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, transmitida no ms. 643 da Torre do Tombo, foi recentemente publicada em Miranda et al. (2016). Algumas das especificidades mais evidentes da tradução portuguesa no que diz respeito às genealogias já foram notadas e estudadas por Laranjinha (2011).

ancora no tempo mais remoto – no momento equivalente à criação do mundo que é o da paixão de Cristo e da conversão ao cristianismo – as personagens e os valores do ciclo romanesco, num processo de legitimação que assenta na ligação ao passado fundacional (Laranjinha 2011: 210).

No âmbito da organização cíclica, a *Estoire del Saint Graal* desempenharia, portanto, uma função semelhante à do Génesis nas Escrituras Sagradas. Na *Estoire*, não só intervêm os principais fundadores de linhagens (José de Arimateia, Nascien e Mordain), como ainda é apresentado o plano genealógico do ciclo concernente aos futuros protagonistas que entram em cena nos romances subsequentes. A estratégia de discurso genealógico que encontramos neste texto introdutório do ciclo parece de alguma maneira ecoar o objetivo do Génesis<sup>9</sup>. Vejamos como.

Em primeiro lugar, o Génesis ou *Bereshit*, segundo a tradição judaica, apresenta uma estrutura moldada num conceito-chave, a *toledot*<sup>10</sup> (a ‘genelogia’, a ‘geração’), palavra hebraica que deriva da raiz *yalad*, com sentido biológico de ‘nascimento’ (Sander / Trenel 2012). Ou seja, o *Bereshit* não só contém o relato das origens do mundo e da humanidade, como ainda as apresenta através de uma formulação genealógica: *elleh toledot*<sup>11</sup>. Esta fórmula estruturante do Génesis, frequentemente traduzida nas versões da Bíblia por «estas são as gerações de», é empregada dez vezes em todo o livro (Génesis 2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10, 27; 25:12 e 19; 36:1; 37:2)<sup>12</sup>. Interessante será notar que, no âmbito da cultura semítica, a noção de linhagem está intimamente relacionada com a necessidade de comprovar a existência de um indivíduo, servindo a genealogia de fundamento para a construção da História<sup>13</sup>. Nessa perspetiva, a Criação, a primeira genealogia assinalada no *Bereshit*, marca o início do movimento da História humana (cfr. Anderson 1962: I, 727)<sup>14</sup>.

A par de outros *topoi* bíblicos convocados no Génesis<sup>15</sup>, também a genealogia tem uma presença muito significativa na *Estoire*. Não será certamente por acaso que o prólogo do romance se centra no relato da experiência extraordinária vivida pelo eremita autor / redator que, depois de lhe ser confiado em mãos um livrinho da parte do próprio Cristo, lê no seu início «Chi est li commenchemens de ton lignaige» (*Estoire*, Ponceau 1997: I, 6). A revelação da linhagem deste misterioso e anónimo redator / autor é, assim, o ponto de partida e a razão de ser de toda a história das origens do Graal e das três ordens que em torno dele se movem: o sacerdócio, a realeza e, principalmente, a cavalaria. À semelhança do que sucede no Génesis, uma linhagem abre o romance pótico do ciclo. Repare-se ainda que até mesmo a repetição constante da palavra «commenchemement» observada ao longo do Prólogo (*Estoire*, Ponceau 1997: I, 1, 6, 7 e 10)<sup>16</sup> parece indicar e reforçar o caráter fundacional da *Estoire*, trazendo à memória as primeiras palavras do Génesis (*Bereshit*, literalmente ‘no começo’).

<sup>9</sup> Embora esta análise se centre em particular na *Estoire del Saint Graal* e na ótica da influência da tradição bíblica exercida neste texto, não deixamos de reconhecer que a literatura medieval é permeada por uma multiplicidade de outras repercuções culturais e literárias. Neste sentido, levamos em consideração que outras correntes literárias e culturais, como as narrativas arturianas anteriores ao ciclo em prosa, tenham igualmente atuado na sua construção, tal como a obra de Chrétien de Troyes, o *Contes del Graal*, onde a problemática genealógica tenha sido previamente trabalhada.

É importante reconhecer que, embora a análise da tradição bíblica no seio da *Estoire del Saint Graal* tenha, como veremos, uma forte presença na construção do sentido do romance e na organização cíclica, a mesma poderá ter sido compartilhada por outros textos do período medieval, num quadro de partilha do pensamento judaico-cristão evidenciado no Ocidente medieval, nomeadamente no que toca a questão da linhagem, e em especial no panorama social e cultural francês dos séculos xii e xiii (cfr. Duby 1988, Bloch 1994). Assim, não se nega a existência de coincidências com outras fontes, mas apenas se delimita um recorte metodológico necessário para a análise. Este trabalho não pretende afirmar que a tradição bíblica é a única referência para a *Estoire del Saint Graal*, mas sim compreender as ressonâncias bíblicas dentro do romance arturiano em prosa, sem expandir a análise para outros contextos.

<sup>10</sup> O termo *toledot*, conceito essencial na organização e interpretação do livro de Génesis, é frequentemente traduzido na Septuaginta, antiga tradução das Escrituras judaicas para o grego realizada até entre o séc. III e II a.C. por γενέσεως (‘génésis’), o que influenciou a escolha do título do livro. Na Vulgata latina, a tradução completa da Bíblia para latim, levada a cabo por Jerónimo no final do séc. IV, a mesma palavra é traduzida por *generationes* (gerações), mantendo a ênfase na natureza genealógica do termo.

<sup>11</sup> O livro de Génesis é composto por dez genealogias, iniciadas no relato da Criação, a primeira *toledot* identificada na sua conclusão: «Istae sunt generationes caeli et terrae, quando creatae sunt» (Génesis 2:4). Para esta citação bíblica, recorremos à versão da Vulgata latina (Weber / Gryson (trads.) 1994) por conter uma tradução mais próxima da palavra hebraica *toledot*. Note-se ainda, a título de curiosidade, a opção de Chouraqui (2019), judeu franco-argelino cuja tradução foi considerada das mais inovadoras e fiéis aos textos originais em hebraico e grego, que transmite o sentido biológico do termo hebraico: «Voilà les enfantelements des ciels et de la terre en leur création» (Génesis 2:4, sublinhado nosso).

O primeiro relato da Criação (Génesis 1:1-2:4) apresenta uma estrutura literária genealógica, detetável na fórmula conclusiva do relato – *elleh toledot* (Génesis 2:4). Na aceção de diferentes estudiosos, esta consistiria na primeira genealogia do *Bereshit*. Cfr. Doukhan (1978: 164-181), Habel (1971: 66-68), Rad (1961: 65).

<sup>12</sup> Uma décima primeira ocorrência surge em Génesis 36:9, não sendo, todavia, significativa para a estrutura do *Bereshit*, uma vez que se trata de uma repetição na genealogia de Esaú. A repetição da fórmula poderá ter por objetivo uma subdivisão da lista dos descendentes de Esaú, distinguindo-se assim os que nascem em Canaã (36:1-8), dos que nascem em Edom (36:9-43). Cfr. Andersen (1995: 263).

<sup>13</sup> De facto, a função das *toledot* no Génesis consistia no estabelecimento do caráter histórico da narrativa, ou ainda, na corroboração da identidade histórica dos seus intervenientes. Cfr. Doukhan (2016: 42-43). A necessidade de comprovar a origem de um indivíduo, característica da cultura do Próximo Oriente, está por exemplo patente na pergunta feita pelo rei Saul ao jovem David: «De quem é filho?» (I Samuel 17:58). A mesma preocupação de validar a ascendência davídica e a linhagem divina de Jesus, a fim de o identificar com o Messias, é manifesta nos Evangelhos, em Mateus 1:1-17, 22:42 e Lucas 3:22-28.

<sup>14</sup> Talvez por essa razão também a narrativa do Evangelho de Mateus comece com uma genealogia.

<sup>15</sup> Vários são os lugares bíblicos mencionados por Szkilnik (1991). Identificámos e comentámos outros *topoi* em Silva (2008: 77, 86, 94, 96, 102, 111 e 113).

<sup>16</sup> Note-se que o título «Chi est li commenchemens de ton lignaige» encontra-se apenas citado na *Estoire del Saint Graal*. Na tradução portuguesa, o autor/redator referir-se-á a ele de forma indireta, «E quando veio, comecei a ler o livro e achei o começo de minha linhagem» (Miranda et al. 2016: 10), indicando talvez esta diferença um maior investimento da versão francesa na aproximação ao Génesis e às suas primeiras palavras («No princípio...», Génesis 1:1).

Outro aspecto atinente ao Génesis e à construção genealógica da narrativa bíblica, com repercuções no romance inaugural do ciclo arturiano, prende-se com o caráter funcional da genealogia. Na aceção de Johnson (1988), a genealogia permite uma certa especulação cronológica e uma organização do tempo da história sagrada. Já o estudioso norte-americano Mendenhall (1973) detetou na história sagrada a existência de um ritmo padrão repetido em torno de dez gerações, defendendo a ideia de que a última geração (a décima) é quase sempre marcada por um acontecimento muito significativo. De facto, as primeiras genealogias do livro de Génesis contêm um número regular de dez elementos. São dez as gerações (*toledot*) registadas de Adão até Noé, conforme enumeradas no capítulo 5. O mesmo número dez perfaz a genealogia iniciada em Noé até Abraão, tal como descrita no capítulo 10. A destruição da terra através do dilúvio marca a décima geração terminada em Noé, sendo em seguida o mundo repovoado com a sua descendência, em resposta à aliança realizada entre Deus e a humanidade representada pelo patriarca. Também Abraão, o décimo elemento da linhagem de Noé, vivencia um episódio de suma importância na sua geração que será igualmente ratificado através de um pacto divino – o princípio de uma nova nação inaugurada pelo filho da promessa, Isaque. Outros ciclos de dez gerações encontramos também nos Livros Históricos, repetindo-se deste modo o esquema genealógico iniciado no *Bereshit*<sup>17</sup>.

Com estes dados em mente, atentemos agora nas genealogias enunciadas na *Estoire del Saint Graal*.

A primeira linhagem enumerada é a de Nascien, o cavaleiro que nos primeiros tempos da cristianização é escolhido e abençoado por Deus para representar a cavalaria, culminando este legado no seu último descendente, o melhor de todos e insuperável – Galaad. A sua genealogia é iniciada com o seu filho Celidoines, a quem sucedem Narpus, Nascien, Helains li gros, Ysaies, Ioannans, Lancelot, Bans, Lancelot e Galaad (*Estoire*, Ponceau 1997: II, 403-404). Esta genealogia totaliza dez elementos, o mesmo número de gerações do Génesis. Poderíamos objetar o facto de serem contabilizados onze membros, se Nascien figurasse nesta enumeração. Note-se, porém, que tal como na Escritura Sagrada, o número de gerações pode oscilar consoante o início da contagem. Por vezes dá-se o caso de um patriarca e fundador da linhagem estar ou não incluído no cômputo genealógico, oscilação essa justificada e determinada pelas profecias que podem influenciar a seleção do primeiro elemento da genealogia. É o que acontece numa profecia messiânica de Isaías: «Do tronco de Jessé brotará um rebento, e das suas raízes um renovo frutificará» (Isaías 11:1)<sup>18</sup>. Por motivos de construção de sentido, sustentada no jogo de palavras que os nomes em causa permitem, a profecia de Isaías aponta Jessé, e não David, seu filho, o ascendente messiânico por excelência, como o iniciador da linhagem do Redentor. Porém, a mesma profecia proferida por Jeremias nomeia David como primeiro elemento da linhagem: «Vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a David um Rebento justo, um rei que reinará e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra» (Jeremias 23:5).

Ainda sobre a referida linhagem de Nascien, será interessante notar que esta é a primeira genealogia enunciada na *Estoire*, mas é também a última relembrada nas páginas finais do romance. Com efeito, a mesma linhagem com os seus dez elementos será novamente evocada no final da *Estoire* e encerrada com uma indicação redacional do autor-redator alusiva à descendência de Celidoines<sup>19</sup>. Neste contexto, o nome do Bom Cavaleiro, o décimo membro da linhagem, é uma vez mais mencionado. Através de um quadro profético explicativo é preparada uma das aventuras que o «Messias» da cavalaria virá a concretizar no seu tempo – o episódio da fonte fervente onde o rei Lancelot, seu bisavô, fora morto à traição. A genealogia e o discurso profético, dois mecanismos bíblicos recorrentemente convocados na *Estoire*, aliam-se assim para promover o messianismo cavaleiresco. Ora, a insistência na descendência de Celidoines, ou seja, de Nascien, que na verdade é evocada três vezes na *Estoire*, denota a centralidade da linhagem cavaleiresca da qual procede o grande herói do Graal, Galaad. Parece, assim, haver um claro propósito de, no âmbito da organização cíclica, se estabelecer o estatuto fundacional da *Estoire* como um verdadeiro Génesis da cavalaria.

Voltemos agora a nossa atenção para outra das genealogias apresentadas na *Estoire*, desta vez referente à ascendência materna de Galaad. Não deixa de ser, aliás, significativo o facto de haver uma mesma iniciativa de explicitar a ascendência do «Messias» cavaleiresco não só na vertente paterna, mas também materna, fenômeno idêntico ao das Escrituras, patenteado nas genealogias de Jesus, registadas nos Evangelhos de Mateus e Lucas (Mateus 1 e Lucas 3:23-38). No caso bíblico, essa informação é dada com o intuito de se corroborar a procedência davídica e abraâmica do Messias, cumprindo-se nesse sentido as profecias do Antigo Testamento em Jesus. No âmbito cíclico, essa dupla explicitação passa pelo propósito de fundamentar

<sup>17</sup> Dez gerações são igualmente contabilizadas entre Judá e David, entre um dos doze filhos de Jacob que dera origem a uma das maiores e mais respeitadas tribos de Israel, originando-se nela a linhagem real da qual procederia o Messias, culminando a décima geração com Jessé, pai do célebre rei de Israel e antepassado de Jesus (Cfr. I Crónicas 2:3-15; Mateus 1:3-6). Dez é também o número de gerações que encontramos entre o David e Ezequias, outro ilustre rei de Judá, conhecido pela reforma que implementou no seio da nação judaica, até então voltada para a idolatria, num período de grande instabilidade e apostasia (Cfr. II Crónicas 29:6-9). Ezequias é mencionado no livro de Crónicas como aquele que «era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera David seu pai» (II Crónicas 29:2), epíteto que lhe é atribuído por ter tomado a iniciativa de purificar Jerusalém, ao restabelecer o culto a Jeová e recuperar a celebração da Páscoa, cumprindo neste propósito uma função semelhante à de Cristo, quando intercede diante de Deus pelos mais fracos, a fim de obter o perdão divino (II Crónicas 30:19). A intervenção de Ezequias fecha, assim, um ciclo de dez gerações, registando-se na décima geração mais um acontecimento relevante na história sagrada.

<sup>18</sup> Para as citações do texto bíblico recorremos à tradução de Ferreira de Almeida (2005).

<sup>19</sup> «Si se test ore a itant li contes de totes les ligniees Celydoine qui de lui oissirent», *Estoire* (Ponceau 1997: II, 577).

a dimensão simultaneamente cavaleiresca e sacerdotal da procedência do perfeito cavaleiro, segundo as profecias que em torno dele se constroem neste «Génesis» que representa o romance inaugural<sup>20</sup>.

Na *Estoire*, a linhagem dos guardiões do Graal (a ordem sacerdotal) constitui a ascendência materna de Galaad. Esta genealogia é acompanhada de relatos explicativos concernentes a alguns dos nomes em causa, quando diretamente implicados no contexto da narrativa. Dez nomes compõem esta genealogia: Bron, Josue, Aminadap, Catheloys, Manaal, Labor, Pelleam, Pelles, Amida, Galaad (*Estoire*, Ponceau 1997: II, 488). Por se tratar da ascendência materna de Galaad, Amida, sua mãe, integra esta genealogia, um caso excepcional, uma vez que todas as linhagens da *Estoire* estão organizadas de acordo com o sistema agnártico. A inclusão deste elemento feminino na linhagem «sagrada», a do «Messias» da cavalaria, é de extrema relevância, trazendo a figura de Amida à tona a trama que envolveu a conceção de Galaad. Com efeito, neste ponto do relato genealógico é dito que o Bom Cavaleiro é «conceüz et engendrez en pechié» (*Estoire*, Ponceau 1997: II, 567), facto consumado no *Lancelot en Prose*, quando Amida consegue, pela via do engano e motivada por Brisane, deitar-se com Lancelot, a fim de alcançar o desejado resultado: «por le fruit recevoir» (*Lancelot en Prose*, Micha 1979: IV: 210). Esta seria, por assim dizer, uma solução alternativa e um plano necessário para remediar o problema da «Terre gaste» causado pelo rei Brulans. E, efetivamente, na *Estoire* se declara que Deus não condenou a conceção pecaminosa, optando por abençoar Galaad e todas as aventuras que este viria a concretizar. Ora, esta peculiaridade em muito se assemelha ao fenómeno de caráter inédito com que nos deparamos na genealogia de Jesus, registada no Evangelho de Mateus, que reúne a informação dos textos veterotestamentários. Entre os ascendentes de Cristo são mencionadas quatro mulheres – Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba. Para além desta inusitada referência a figuras femininas numa linhagem, as próprias personagens despertam alguma controvérsia, tornando mais flagrante e inesperada a sua eleição enquanto ascendentes do Messias. Em primeiro lugar, Raabe é uma prostituta cananita, mas recompensada pela sua coragem e fidelidade (Josué 2). Tamar faz-se passar por uma meretriz, a fim de obter justiça do seu sogro e conceber um herdeiro que com direito reclamava (Génesis 38). Rute é oriunda da odiada nação de Moabe, mas leal ao novo clã familiar e à fé israelita que abraça (Rute 1-4). Por fim, Bate-Seba é envolvida no maior escândalo real, o adultério e o assassinato protagonizado pelo rei David, mas tem ainda assim o privilégio de conceber o herdeiro do trono e continuador da linhagem messiânica, Salomão (II Samuel 11-12 e I Reis 2:45). À luz deste quadro insólito, compreendemos o propósito de se validar a iniciativa imprópria (e ilegítima) de Amida, que será inesperadamente aprovada por Deus, constando assim entre os ascendentes do «Messias» da cavalaria.

Na *Estoire del Saint Graal*, a genealogia possui, como vimos, um valor funcional e estruturante, com nítida repercussão para a construção cíclica. O discurso genealógico permite efetivamente o ancoramento da memória como fundamento da identidade e legitimidade do futuro herói do Graal, Galaad. Quando aliado à profecia, o mecanismo genealógico viabiliza a promoção deste «Messias» cavaleiresco anunciado e atuante no Novo Testamento da cavalaria, o «Livre de Galaaz», transmitindo ao mesmo a noção de uma intervenção transcendente que orienta toda história. Tudo isto é assegurado por uma surpreendente estrutura dinâmica plasmada no *Bereshit* que potencia, assim, na *Estoire*, a Génesis da cavalaria, a construção das suas origens e a legitimidade da sua eleição por Cristo.

## Bibliografia

- Almeida, Joao Ferreira de (trad.) (2005): *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida.
- Andersen, T. David (1995): «Genealogical Prominence and the Structure of Genesis», in Robert D. Bergen (ed.), *Biblical Hebrew and Discourse*. Winona Lake: Eisenbrauns, pp. 242-266.
- Anderson, Bernhard W. (1962): «Creation», in George A. Buttrick et al. (ed.), *The interpreter's dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon Press, vol. 1, pp. 725-732.
- Bloch, Marc (1994): *La société féodale*. Paris: Editions Albin Michel.
- Chouraqui, André (trad.) (2019): *La Bible*. Nördlingen: Éditions du Cerf.
- Doukhan, Jacques (1978): *The literary structure of the Genesis creation story*, Dissertations. 38. Disponível em: [https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/38/?utm\\_source=digitalcommons.andrews.edu%2Fdissertations%2F38&utm\\_medium=PDF&utm\\_campaign=PDFCoverPages](https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/38/?utm_source=digitalcommons.andrews.edu%2Fdissertations%2F38&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages)
- Doukhan, Jacques (2016) (ed.): *Genesis: SDA International Bible Commentary*. Nampa: Pacific Press.
- Duby, Georges (1988): *La société chevaleresque. Hommes et structures du Moyen Âge I*. Paris: Flammarion.
- Frappier, Jean (1959): «The Vulgate Cycle», in Roger Sherman Loomis (ed.), *Arthurian Literature in the Middle Ages*. Oxford: Clarendon Press, pp. 295-318.
- Habel, Norman C. (1971): *Literary criticism of the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press.
- Johnson, Marshall (1988): *The purpose of the biblical genealogies with special reference to the setting of the genealogies of Jesus*. Cambridge / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press, 2<sup>a</sup> ed.
- Kennedy, Elspeth (1986): *Lancelot and the Grail. A Study of the Prose Lancelot*. Oxford: Clarendon Press.
- Laranjinha, Ana Sofia (2011): «Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens», in Georges Martin e José Carlos Miranda (org.), *Legitimização e linhagem na Idade Média Peninsular*. Porto: Estratégias Criativas, pp. 205-231.
- Lot, Ferdinand (1918): *Étude sur le Lancelot en prose*. Paris: Champion.

<sup>20</sup> Galaad é, aliás, o ponto de interceção e o legado por excelência das três ordens terrenas (realeza, cavalaria e sacerdócio), uma vez que Celidóines recebe o legado cavaleiresco através do seu pai, mas também o legado régio pela via avuncular, através do rei Mordrain, o primeiro rei cristão.

- Matarasso, Pauline (1979): *The Redemption of Chivalry. A study of the Queste del Saint Graal*. Genève: Droz.
- Mendenhall, George (1973): *The tenth generation. The origins of the biblical tradition*. Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press.
- Micha, Alexandre (1987): *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*. Genève: Droz.
- Micha, Alexandre (ed.) (1979) : *Lancelot. Roman en prose du xiiième siècle*. Genève: Droz, tome IV.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a): *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*. Porto: Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998b): *Galaaz e a ideologia da linhagem*. Porto: Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2015): «O ciclo arturiano em prosa, versão cavaleiresca da história do mundo», in Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Lóia (dir.), *Redenção e escatologia: estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa*. Paris: Nota de Rodapé, vol. 1 (Idade média), tomo 2, pp. 118-126.
- Miranda, José Carlos Ribeiro et al. (eds.) (2016): *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia*. Porto: Estratégias Criativas.
- Moran, Patrick (2017): «La Bible a-t-elle servi de modèle au cycle du Lancelot-Graal? Effets d'écriture vs effets de lecture», in Véronique Ferrer e Jean-René Valette (dir.), *Écrire la Bible en français au Moyen Âge et à la Renaissance*. Genève: Droz, pp. 359-370.
- Ponceau, Jean-Paul (ed.) (1997): *L'Estoire del Saint Graal*. Paris: Honoré Champion, 2 vols.
- Rad, Gerhard von (1961): *Genesis: The Old Testament Library*. Philadelphia: Westminster Press.
- Sander, Nathaniel Philippe / Trenel, Isaque (eds.) (2012): *Dictionnaire Hébreux-Français*. Genève: Slatkine Reprints.
- Séguy, Mireille (2001): *Les romans du Graal ou le signe imaginé*. Paris: Honoré Champion.
- Séguy, Mireille (2010): «La tentation du pastiche dans l'*Estoire del Saint Graal*: retraire, refaire, défaire la Bible», in *Faute de Style. En quête du pastiche médiéval*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, pp. 57-78.
- Silva, Rafaela (2008): *Da Bíblia à Estória do Santo Graal. A linguagem divina e os sonhos dos eleitos* [dissertação de mestrado policopiada]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silva, Rafaela (2019): *A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal* [dissertação de doutoramento]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Strubel, Armand (1989): *La Rose, le Renart et le Graal, La littérature allégorique en France au xiiième siècle*. Genève: Slatkine.
- Szkilnik, Michelle (1991): *L'archipel du Graal. Étude de l'*Estoire del Saint Graal**. Genève: Droz.
- Valette, Jean-René (2008): *La pensée du Graal. Fiction littéraire et théologique (xi<sup>è</sup>-xiii<sup>è</sup> siècles)*. Paris: Champion.
- Weber, Robert / Gryson, Roger (eds.) (1994): *Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 4<sup>a</sup> ed.